

O ALENTEJO NA POESIA¹

Marcos Olímpio Gomes dos Santos²

Abstract

O presente texto foi adaptado pelo autor a partir da respectiva tese de doutoramento, defendida em 1998, e tem como finalidade transmitir a imagem do Alentejo vista por poetisas e poetas portugueses, nomeadamente Alentejanos(as), complementada com contributos de não alentejanos(as).

Através de uma análise de conteúdo são identificados os temas recorrentes nos textos analisados que espelham os traços de uma cultura que se tem mantido durante anos e, que ainda hoje se faz sentir em muitos locais da região.

Palavras chave: Alentejo; Poesia.

Índice

Introdução.....	1
Metodologia.....	2
Resultados obtidos.....	4
A Poesia.....	5
O Alentejo.....	6
Discussão	9
Considerações finais.....	10
Bibliografia.....	11
Anexos	
Anexo I	13
Anexo II	27

Évora

Julho de 2011

¹ Documento em aberto (*living document*), adaptado a partir da tese de doutoramento do autor, susceptível de ser reformulado por sugestão dos leitores ou devido a recolha de informação adicional.

² Sociólogo. Membro do Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva” (Universidade de Évora).

INTRODUÇÃO

Aborda-se neste documento a imagem que poetas e poetisas de Portugal transmitem nos seus poemas.

Alia-se assim os seguintes dois temas: a poesia e o Alentejo.

O Alentejo enquanto território com especificidades próprias, que já foi considerada por Humberto Eco, como uma das regiões europeias com a respectiva identidade cultural ainda muito vincada e bastante preservada, tem sido uma região com problemas de desenvolvimento, o que se encontra associado a alguns traços tais como: verões por vezes muito quentes, solos pouco férteis, escassez de recursos hídricos, agricultura de sequeiro.

A poesia como veículo artístico de expressão de pensamentos e sentimentos, que desde há centenas de anos se afirmou no panorama cultural universal, permitindo a eruditos e populares a possibilidade de nos transmitirem estados de alma sobre os mais diversos objectos de atenção, possibilitou recolher concepções do Alentejo que importa conhecer e analisar criticamente.

A sequência dos pontos que integram este texto não segue a opção convencional. Assim, após explicitação da Metodologia constam os Resultados, a que se segue um ponto sobre a poesia, vindo depois um sobre o Alentejo. Na discussão e Conclusões procede-se a uma revisão crítica sobre as limitações da pesquisa e apresenta-se uma súmula dos resultados. Após a bibliografia constam nos Anexos os poemas seleccionados até ao momento, dos quais só foram objecto de análise os que se encontram incluídos no Anexo I.

METODOLOGIA

Baseia-se na análise de conteúdo, enquanto “... conjunto de técnicas das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção [...] destas mensagens” (Bardin, 1995:42).

A análise de conteúdo é uma técnica que se aplica à análise dos valores e dos significados sociais (Quivy e Campenhoudt, 1998) e que implica as três seguintes fases: i) pré-análise, ii) exploração do material e, por fim, iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 1995).

A primeira fase, implica a organização e selecção de material a ser analisado. Nesta fase, após a audição e transcrição dos textos recolhidos, fica assim constituído o *corpus* da análise do estudo, isto é, fica constituído o conjunto de documentos a serem tratados o que, nesta investigação, corresponde a uma parte da totalidade do material produzido, uma vez que o autor não teve acesso a todos os poemas sobre o Alentejo.

A fase de exploração consiste na aplicação das decisões tomadas na pré-análise e que se prendem com os objectivos de estudo. Na última etapa os dados são tratados, de modo a deles serem extraídos significados com validade. (Vala, 1989).

Após esta etapa procede-se à enumeração, devendo as regras do modo de contagem (Bardin, 1995) ser claramente explicitadas.

A classificação e agregação, que equivalem à definição de categorias, constituem uma etapa que poderá ser feita *à priori*, *à posteriori* ou combinando os dois processos (Vala, 1989).

A categorização consiste numa estruturação que compreende duas operações: classificação por diferenciação dos elementos e reagrupamento de acordo com os critérios definidos (Bardin, 1995). Uma vez que o fenómeno que se pretendia compreender era uma realidade totalmente nova e desconhecida, o autor considerou mais coerente para este estudo, optar pela categorização *à posteriori*, ultrapassando qualquer possível constrangimento e retirando o máximo proveito do *corpus* obtido.

Assim, no presente trabalho, o autor procedeu a uma leitura flutuante sobre os textos recolhidos, o que permitiu verificar regularidades textuais, com base nas quais foram

identificadas as categorias, que agregadas constituem os eixos utilizados para apresentação dos resultados.

Por fim, a interpretação dos dados, efectuada à luz do objectivo genérico (e em futuras actualizações por referência ao enquadramento teórico), comporta a descrição e a compreensão do fenómeno que constitui o objecto de estudo (Carmo e Ferreira, 1998).

RESULTADOS OBTIDOS

A aplicação da análise de conteúdo aos poemas que até à data foram recolhidos pelo autor, permite retirar a título exploratório, o seguinte conjunto de eixos que espelham o sentir sobre o Alentejo, transmitido através da poesia³ por alentejanos e não-alentejanos:

- ✚ Imensidão / terra imensa / planura / planícies;
- ✚ Natureza hostil / paisagem agredida / terra sofrida / desolação / seca / segura / calor;
- ✚ Solidão / abandono / saudade;
- ✚ Grandeza/dignidade do homem alentejano / figuras lendárias / figuras épicas;
- ✚ Situações humanas dramáticas / pobreza / miséria / fome / sede / dor;
- ✚ Tristeza / revolta / amargura / súplicas / marginalização / esquecimento;
- ✚ Identidade cultural / exaltação da paisagem / património cultural / montes / celeiro da nação;
- ✚ Seara / charneca / rebanho / pastores / gado / pão / sequeiro / olival / cortiça / trigo;
- ✚ Pureza / integridade / hospitalidade.

Esta análise mostra que há eixos relacionados com o perfil ecológico, nomeadamente as características edafo-climáticas e respectivos efeitos. Eixos relacionados com as personagens rurais típicas, a sua maneira de ser e estar e com as (duras) condições de vida que os atingem. O conjunto de poemas que o autor se encontra a recolher permitirá testar a pertinência destes eixos identificados a partir de um reduzido número de textos

³ Recorre-se aqui à análise da poesia, porque esta forma de expressão está em geral ao alcance de cidadãos de diferentes posições sociais e detentores de diferentes qualificações escolares. Chama-se no entanto atenção para que a poesia estiliza traços e reflecte muito imaginários apreendidos por quem publica, pelo que a validade deste contributo embora sendo interessante tem um alcance limitado.

A POESIA⁴

É uma das sete artes tradicionais, mediante a qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos, retratando algo que tudo pode acontecer dependendo da imaginação do autor como a do leitor. Trata-se portanto de uma forma especial de linguagem, mais dirigida à imaginação e à sensibilidade do que ao raciocínio. Em vez de comunicar principalmente informações, a poesia transmite sobretudo emoções fazendo uso daquilo que as palavras podem sugerir ao leitor. Esse efeito sugestivo das palavras é obtido através dos respectivos sons e, sobretudo, das diversas *imagens*, ou figuras de linguagem, que cada autor(a) for capaz de criar.

O poeta não trabalha apenas com a melodia da língua, mas também com as imagens e cenas que lança à mente do leitor, pelo que não raro, lida com ideias e emoções complexas, mesmo através de assuntos aparentemente simples.

⁴ Excerto elaborado com base em <http://bininha.arteblog.com.br/109216/Historia-e-Definicao-de-Poesia/> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia>

O ALENTEJO

Neste ponto procede-se à apresentação da região sobre a qual versam os poemas seleccionados, matéria que tem como finalidade de verificar compaginar os traços da região com o sentir dos poetas e poetisas

O Alentejo será assim descrito através dos seguintes itens: superfície, relevo, clima, solos, população, e densidade populacional, após o que é apresentada uma síntese onde se procura condensar a informação anterior.

Superfície

É uma região que se estende por 26 930 Km² (cerca de 1/3) da área do Continente português. Do ponto de vista administrativo, O Alentejo compreende 46 concelhos e aproximadamente 289 freguesias, situados nos distritos de Portalegre, Évora, Beja, e na parte sul do distrito de Setúbal. Constitui ainda uma das cinco regiões (NUTS II) que formam o Continente português, e subdivide-se em quatro sub-regiões (NUTS III) como segue: o Alto Alentejo (5935 Km²), o Alentejo Central (7228 Km²), o Baixo Alentejo (8503 Km²), e o Alentejo Litoral (5264 Km²), às quais se encontram associadas diversas condicionantes de natureza positiva e condicionantes de natureza negativa explicitadas numa outra publicação (Santos, 1997), que contribuem para explicar o grau o desenvolvimento, o estado do ordenamento do território, a qualidade do ambiente e a qualidade de vida que se podem observar no Alentejo.

Relevo

Caracteriza-se por uma peneplanície levemente ondulada, situando-se cerca de 87 por cento da sua área a uma altitude média inferior a 300 m, e 10 por cento da sua área a cotas superiores a 300 m, e menos de 1 por cento a cotas superiores a 500 m, variando a altitude média entre 200 e 400 m, sobressaindo na paisagem a Serra de S. Mamede (1 025 m), a Serra d'Ossa (650 m) e a Serra de Ficalho (518 m).

Clima

É temperado, de feição mediterrânica e continental, caracterizando-se por invernos frios e chuvosos, com chuvas predominantemente no Outono e Primavera, e por verões quentes e secos, o que decorre da insolação média anual no Alentejo que ronda as 3000 horas, e dos

valores anuais da radiação global que oscilam entre 150 e 160 kcal/cm². A temperatura média anual situa-se entre os 16 e os 17º C, situando-se a temperatura média do mês mais frio entre os 8/9 e os 12ºC (temperatura mínima 0ºC), e a temperatura média do mês mais quente entre os 21/22 e os 25ºC em Julho e Agosto. Refira-se que a temperatura média das máximas supera os 30ºC, chegando a temperatura máxima a subir aos 40ºC.

As características enunciadas permitem então afirmar que o clima do Alentejo varia entre o pouco húmido e o semi-árido.

Solos

Acidez, má drenagem e baixo teor em matéria orgânica. Estas são as características comuns à maior parte dos solos alentejanos (LUCAS, 1995, p. 13) pertencentes na sua maioria ao maciço antigo da Meseta Ibérica, e desenvolvendo-se essencialmente a partir de xistos, areais, calcários, rochas sedimentares, e, numa pequena área, a partir do granito.

Tendo em atenção as limitações apontadas, consideram-se solos de elevada capacidade produtiva para sistemas agrícolas intensivos, os que estão incluídos num total de 675 mil hectares. Os restantes 1 milhão e 790 mil hectares consideram-se integrados na área de sequeiro, apresentando potencialidades para a produção de pastagens, forragens e floresta.

Dos solos alentejanos só cerca de 1/3 apresenta aptidão agrícola, quanto aos restantes dois terços, têm uma vocação silvo-pastoril e florestal⁵.

População, e densidade populacional

A população do Alentejo aumentou até cerca de 1950, data em que atingiu o valor máximo de 780.980 habitantes, e desde então até 2001 perdeu aproximadamente 245.000 habitantes, prevendo-se que os efectivos populacionais continuem a diminuir. A densidade populacional situa-se em média nos 20 habitantes por km².

Síntese

O Alentejo pode ser assim caracterizado como uma região expressivamente agrícola, caracterizada pelo sistema extensivo da monocultura, pela predominância de cereais, e pela prevalência das explorações de grande e média dimensão; duplamente envelhecida, com tendência para a rarefação humana e desertificação biofísica; com uma base económica debilitada, essencialmente especializada em actividades utilizadoras de recursos naturais, situadas muito a montante da cadeia de transformação, o que implica uma diminuta capacidade de gerar

⁵ De acordo com o grau de utilização agrícola, os solos podem ser classificados nas seguintes cinco classes: A, B, C, D e E. Sendo as três primeiras susceptíveis de aproveitamento agrícola, enquanto que as classes D e E não apresentam aptidão agrícola.

efeitos multiplicadores endogeneizáveis, onde desde predominam os serviços não comercializáveis e os serviços de apoio ao consumo; com reduzida capilaridade social,⁶ dotada de um diminuto quantitativo (absoluto e relativo) nos estratos sócio-profissionais mais qualificados; região onde se assinalam ainda expressivas assimetrias intra-regionais.

⁶ No sentido dos estratos baixos poderem ascender ao empresariado, aqui devido a dificuldades estruturais, que residem na características da realidade económica (reduzido mercado local e regional, reduzido número de empresas ...)

DISCUSSÃO

O presente texto, em aberto, visa reflectir a forma como o Alentejo, enquanto região com problemas de desenvolvimento e com características que lhe conferem uma especificidade própria, é retratado na poesia de autores(as) de nacionalidade portuguesa.

É de considerar que o texto pode ser enriquecido com imagens sobre a região (nomeadamente fotografias e pinturas), o que permitirá melhor associar os traços que caracterizam este território com as mensagens transmitidas nos poemas seleccionados, tarefa que será realizada em próximas actualizações.

Refira-se que geralmente essas mensagens denotam um teor disfórico, relevando os aspectos associados por exemplo a características ecológicas desfavoráveis e, situações sociais adversas, à maneira de ser dos alentejanos e, a fenómenos como os movimentos migratórios que ocorreram a partir da década de 60 do século XX.

Constata-se assim, que durante muitos anos têm existido regularidades no conteúdo dos poemas que incidem sobre o Alentejo, regularidades essas, plasmadas nos eixos semânticos referenciados acima.

Mesmo no século XXI continuam a ser publicados e divulgados os poemas que antecedem as perspectivas abertas pela exaltação do triângulo mágico: a barragem do Alqueva, o porto de Sines e o aeroporto de Beja.

Por conseguinte pode haver um trabalho adicional de investigação a realizar, que consiste em pesquisar se a construção da barragem de Alqueva (a face mais visível do referido triângulo) em particular e, as mensagens positivas e de esperança que nomeadamente os responsáveis políticos em geral, transmitem, têm originado alguma influência na forma como é percebido o Alentejo nos poemas mais recentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos apontam para uma faceta de pendor dramático que caracteriza a expressão dos poemas analisados.

Constata-se que há um conjunto de termos que recorrentemente são utilizados pelos poetas e poetisas conferindo à região uma identidade particular baseada muito no fatalismo, que apesar de tudo é por vezes timidamente combatido, nomeadamente quando são evocadas nos poemas os chamados projectos estruturantes.

Considera-se assim que é importante recolher mais textos, nomeadamente os que reflectem mensagens da autoria daqueles(as) que não tendo vivenciado as situações por que passaram os seus ascendentes, de forma a verificar se ainda reproduzem através de uma forma peculiar de representação da realidade, a mesma forma de ser e de estar que tem caracterizado a poesia sofrida sobre o Alentejo.

BIBLIOGRAFIA

BARDIN, Laurence (1995), *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.

CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela Malheiro (1998), *Metodologia da Investigação - Guia para a auto-aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª edição, Lisboa: Gradiva.

SANTOS, Marcos O. G. (1997), *Alentejo 2010: o cenário mais provável*, Évora, Universidade de Évora.

VALA, Jorge (1986) “A Análise de Conteúdo” in Augusto Santos Silva; José Madureira Pinto (org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, 2ª edição, Porto: Edições Afrontamento.

ANEXOS

Anexo I Poemas recolhidos inicialmente e sobre os quais incidiu a análise de conteúdo

Anexo II Poemas recolhidos posteriormente a aguardar a análise de conteúdo

ANEXO I
Poemas recolhidos inicialmente e sobre os quais incidiu a análise de conteúdo

O Alentejo lembra-me sempre
Um imenso relógio de sol
Onde o homem faz de ponteiro do tempo
Miguel Torga

Nesta larga brancura
De restolhos, de cal e solidão
Miguel Torga

A luz que te ilumina,
Terra da cor dos olhos de quem olha!
A paz que se adivinha
Na tua solidão
Que nenhuma mesquinha condição
Pode compreender e povoar!
O mistério da tua imensidão
Onde o tempo caminha
Sem chegar!...
Miguel Torga

Encho os olhos de terra.
No Alentejo há muita e é de graça.
Dou-lhes esta fartura,
Antes que um só torrão, na sepultura,
Os cegue e satisfaça.
Miguel Torga

A fome aperta. O jornaleiro,
Chove e não pode trabalhar;
Já não tem pão, nem tem dinheiro,
Ouvem-se pragas num pardieiro
E criancinhas a chorar.
Conde de Monsaraz

Que chove quando não quero;
E faz hum sol das estrelas,
Quando chuva alguma espero.
Ora alaga o semeado,
Ora sécca quanto hi ha,
Ora venta sem recado,
Ora neva e mata o gado.

.....
Que tempere a internada,
E leixe criar o trigo.
Mas elle de tençoeiro,
Sem ganhar nisso ceitil,
Vai dar chuvas em Janeiro,

E geadas em Abril,
E calmas em Fevereiro
E nevoas no mez de Maio,
E meado Julho pedra.
Eu trabalho atás que caio:
Pardeos, elle que he meu aio
Cada vez mais me desmedra.
Gil Vicente

Vede agora a planura alentejana,
Duma argila vermelha,
Amassada em suor de trágicos ceifeiros.
Este barro, esta carne em sangue da paisagem
Parece gangrená-la a chaga do sol-posto,
Que fica sobre a linha escura do horizonte,
Por essa noite adiante.
Vagam através dela aparições curiosas
De mouros a cavalo;
E a sua manta regional, garrida,
Espalhando no ar as tintas inflamadas.
De longe a longe, um denegrado cume
Põe, em alto relevo, o drama das charnecas...
Teixeira de Pascoaes

TERRA-MÃE

Lá dos campos, tristes campos,
Dos campos do Alentejo,
Vim ainda pequenino
- E pequenino me vejo...
Lá nos campos, tristes campos
Da solitária planura,
Nasceu a minha revolta,
Nasceu a minha amargura.
Lá dos campos, tristes campos,
Vem a lembrança de tudo
O que mais amo e desejo.
Vem a fome, a sede e o sono
Das terras do Alentejo!
Raul de Carvalho

DÁDIVA

Rasga o ventre da terra sem piedade
à lâmina de enxada,
a trilhos de charrua.
Queima-o, alága-o
do anseio infinito
que em cada gesto teu
põe a mudez de um grito
no recorte do céu.
E uma ruga que fala em tua face

qual cicatriz de navalha
feita pela mão do tempo
na alma de quem trabalha.

Calca!

Espezinha!

Retalha!

que ela depois da violência
que em lucidez de demência
tu puseste em cada gesto,
fechada nos seus mistérios
que pesam uma eternidade
- de cada golpe de enxada,
de cada rasgão dos trilhos,
fará nascer uma flor
que irá matar a fome dos teus filhos!
Joaquim Vermelho

Terras Alentejanas, terras nuas,
desespero de arados e charruas,
João de Vasconcellos e Sá

Vijmos em Euora valer
hos moyos de pam yguaes
Quinze vijnte mil reaes,
agora hos veemos veder,
a septenta mil, & maes:
anno vij tam abastado,
q a octo reaes comprado
foy ho alqueire de pam,
outro vijmos em que nam
se achaua por huo cruzado.
Garcia de Rezende

Raia o sol!

E em dois minutos

.....

Os prados ficam enxutos;
toda a ribeira secou!

.....

...E morrem de sede as crias
no logar onde há dois dias
a mãe delas se afogou

João de Vasconcellos e Sá

SEMEADOR

Sobre o castanho em sangue o azul como asa quieta
e entre a grandeza que separa os dois
fica um Homem de pé.

Figura estranha
olímpica
de terra!

Avança retalhando a solidão da gleba
como guiado por um destino ignoto
que é sua própria força e sua própria alma.
Mergulha os pés nas veias palpitantes
dos caminhos de sulco
que do infinito do céu nascem
para o infinito
da gleba.

Na tarde imensa como um teatro enorme
desenha gestos de uma outra mímica
a que os olhos não estão habituados.
Sonho e tragédia definindo a hora,
angústia e esperança assinalando os passos.
Sobre o castanho em sangue o azul como asa
quieta...

Silêncio! Cala a tua voz poeta
não perturbes a música dos gestos
duma balada de amor.

Avança, avança, semeador, avança,
avança semeador...

Mágico desenhador do espaço, avança...

Que o delírio dos teus gestos,
irmão,

jamais canse na beleza
de frutificar em pão.

Joaquim Vermelho

PASTORAL

À estrelado pastor que se levanta
Inda o Sol entre nuvens se espreguiça,
Com as migas no tarro de cortiça,
Lá vai de àbeiro, pau, pelico e manta.

Já na chapada a cotovia canta,
E, fiel companheiro na árdua liça,
O trêfego rafeiro se encarnaça
Mal uma ovelha se desgarrá ou espanta.

Pastor alentejano! Triste pária
Que vives aos baldões da sorte vária
Correndo atrás de sonhos tresmalhados...

Guardar o gado alheio é a tua arte,
Sem cuidar que tu mesmo fazes parte
Do rebanho dos pobres deserdados!

Francisco Henriques

Terras Alentejanas, terras nuas,
desespero de arados e charruas,
João de Vasconcellos e Sá

Que Deus mande água
Por compaixão:
Desmaia a vinha!
Mirra-se o pão!
E a terra é seca
Como um carvão!
Conde de Monsaraz

MONTES» DO ALENTEJO

«Montes» da minha terra, tão branquinhos,
Lembram topos das serras alvejantes,
Sentinelas alerta nos caminhos
Por onde passam rotos viajantes...

Para eles, de longe suplicantes,
Erguem as mãos famintas pobrezinhos,
Andam no ar perfumes penetrantes
De giestas, Piorno e rosmaninhos.

E, mesmo que anoiteça é sempre dia...
O luar é candeia que alumia,
Grande fonte de luz abençoada.

«Montes» da minha terra, tão branquinhos!
- Asas de pombas gasalhando ninhos -
Oásis na charneca desolada.
Teresa Carvalho

CANTAR CAMPONÊS

Meu cantar sempre aparece,
quando na terra presente,
a força do gesto breve,
do germinar da semente.

Faísca cártamo-flor,
na escuridão da campina.
Não sejas mais criador,
onde o tirano domina.

Forquilha da nossa guerra,
guerra da nossa forquilha.
A guerra não nos aterra,
só a fome nos humilha.
Monteiro Pote

Vijmos em Euora valer
hos moyos de pam yguaes
Quinze vijnte mil reaes,
agora hos veemos veder,
a septenta mil, & maes:
anno vij tam abastado,
q a octo reaes comprado
foy ho alqueire de pam,
outro vijmos em que nam
se achaua por huo cruzado.
Garcia de Rezende

TERMO DE COMPARAÇÃO

Rasa planície - águia enorme planando
à espera de erguer voo
tomar altura.
E as esfínges geométricas de palha
das almenaras
em seu mutismo
falam na tarde mentirosamente
num vibrante cinismo.

Egipto estranho este de ao pé de nós
onde a força e grandeza sobrenatural
também protege os deuses faraós.
Um nilo verde amadurece em oiro
e os sulcos gritam uma linguagem hieroglífica
que a inquietação das gentes teima em decifrar...

Ó águia enorme toma altura e voa
que o céu
até onde o conhecimento alcança
é teu.

Voa, corpo sem voz,
e fala
e canta na linguagem das asas
tua libertação e tua esperança...
Joaquim Vermelho

O MEU ALENTEJO

Meio-dia: O sol a prumo cai ardente,
Doirando tudo. Ondeiam nos trigais
D'oiro fulvo, de leve ... docemente ...
As papoilas sangrentas, sensuais ...

Andam asas no ar; e raparigas,
Flores desabrochadas em canteiros,
Mostram por entre o oiro das espigas

Os perfis delicados e trigueiros ...

Tudo é tranquilo, e casto, e sonhador ...
Olhando esta paisagem que é uma tela
De Deus, eu penso então: Onde há pintor,

Onde há artista de saber profundo,
Que possa imaginar coisa mais bela,
Mais delicada e linda neste mundo?!
11-5-1916 *Florbela Espanca*

Raia o sol!
E em dois minutos

.....
Os prados ficam enxutos;
toda a ribeira secou!

.....
...E morrem de sede as crias
no lugar onde há dois dias
a mãe delas se afogou
João de Vasconcellos e Sá

ÁRVORES DO ALENTEJO

Horas mortas ... Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido ... e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a benção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,
Esfíngicas, recortam desgrenhadas
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:
-Também ando a gritar, morta de sede,
Pedindo a Deus a minha gota de água!
Florbela Espanca

OH ALENTEJO

Oh lindo chão, seara louca ... em flor!
Ó mar loiro, nas ondas dos trigais;
de sonhos de poetas imortais ...
és sangue e pó, do humilde, lavrador.

Eu sempre te amarei, e com fervor ...
terra de camponese e maiorais.
Na sombra de montados e olivais,
- eu te rego chorando meu amor ...

Nos quentes remoínhos, do Suão
e no sol a esaldar o teu terrume,
se treme o manto d'oiro, no Verão ...

Alentejo que ao sol és brasa e lume ...
à noite és a cantiga solidão!
Nas vozes, que te embalam, num queixume!? ...
Manuel Lourenço Lopes Monteiro, 20/10/1995

MEU ALENTEJO

Meu Alentejo de que eu gosto
Inundado de segura,
Minha terra prometida
Semeada de Amargura.
Meu Alentejo que eu quero
Inundado de tristezas,
Minha terra ressequida
Trás no silêncio ... Incertezas.
Meu Alentejo que eu amo
Inundado de abandonos,
Onde a semente caída
Não deu bago, pelos Outonos
Natividade Coelho, 8-8-95

ALENTEJANO

Alentejano homem valente
Com suas mãos enrugadas
Com o campo à sua frente
Vê nascer as madrugadas.

Ao romper da bela aurora
Lá vai de enxada, na mão
Uma pequena refeição
Leva na sua sacola
Leva o vinho na cartola
E lá vai muito contente
Bebe um copo de aguadente
E o seu aperitivo
E num gesto afirmativo
Alentejano, homem valente.

E com o passo alongado
Vai cortando o caminho
Vai fumando um cigarrinho

Para disfarçar as caminhadas
As campinas, já estão acordadas
Mas se vem alguma chuvada
A terra fica molhada
Vai mexendo a terra mole
Até que apareça o sol
Com as suas mão enrugadas!
Margarida Correia

FORMIGA DE ASA

Formiga de asa voando à flor do pego,
as bruxas decoram o luto do país,
olhai os pardais a beber a saliva da terra
na seiva da raíz.

Formiga de asa na chuva de Abril,
tão lúcida, a chuva que cai,
gera nas fontes o cheiro dos lodaçais
onde a rã se distrai.

Quem dera que a paisagem se vá limpando
nos insectos que a devoram,
nas névoas que vêm e fogem
e logo se evaporam.

Nas ondinas de sol as aves descansam
à sombra do gado feliz,
a flauta não sabe imitar
o susto da perdiz.

É longuíssimo o ermo, a distância e a pausa,
olhai o vento a ganir nas searas,
o pranto não é a formiga que voa
por entre as almenaras:

é a fome da terra que veste as galas
mais felizes da sua era,
como um semeador que canta,
no dia, a Primavera.

POBRE DE CRISTO

Ó minha terra na planície rasa,
Branca de sol e cal e de luar,
Minha terra que nunca viste o mar,
Onde tenho o meu pão e a minha casa.

Minha terra de tardes sem uma asa,
sem um bater de folhas... a dormir...
meu anel de rubis a flamejar,

Minha terra moirisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu.
Aonde a mãe que eu tive e que morreu
Foi moíça e loira, amou e foi amada!

Truz... Truz... Truz... - Eu não tenho onde me acoite,
Sou um pobre de longe, é quase noite,
Terra, quero dormir, dá-me pousada!...
Florbela Espanca

MARGEM ESQUERDA

Ó Alentejo dos pobres
Reino da desolação
Não sirvas quem te despreza
É tua a tua Nação

Não vás a terras alheias
Lançar sementes de morte
É na terra do teu pão
Que se joga a tua sorte

Terra sangrenta de Serpa
Terra morena de Moura
Vilas de angústia em botão
Dor cerrada em Baleisão

Ó margem esquerda do Verão
Mais quente de Portugal
Margem esquerda deste amor
Feito de fome e de sal

A foice dos teus ceifeiros
Trago no peito gravada
ó minha terra vermelha
Como bandeira sonhada
Urbano Tavares Rodrigues

SE FORES AO ALENTEJO

Se fores ao Alentejo
não leves vinho nem pão:
leva o coração aberto,
e ao lado do coração
leva a rosa da justiça
e o teu filho pela mão.

Se fores ao Alentejo
não leves vinho nem pão:
leva o teu braço liberto

para abraçar teu irmão:
esse irmão que está tão perto
do teu aperto de mão
e que tão longe amanhece
nos campos da solidão.

Se fores ao Alentejo
não leves vinho nem pão:
leva a alegria de seres
irmão de quem vai parir
uma seara de trigo,
uma charneca a florir,
um rebanho e um abrigo,
e um amanhã que há-de vir
como se fosse outro amigo
dentro do sol, a sorrir.

Se fores ao Alentejo
não leves vinho nem pão:
leva o coração aberto
e o filho pela mão.
Eduardo Olímpio

EU NASCI NO ALENTEJO

Podes ter tudo o que queres
De certeza não te invejo
Eu sou pobre como Judas
Eu nasci no Alentejo.

Do que tu tens nada invejo
Do que sou não tive ajudas
Hoje passo, não saúdas
Eu nasci no Alentejo.

Olha que até o poejo
Cheira no rego à distância
Criados em abundância
Nascemos no Alentejo.

Crescendo no rego dos brejos
Sem do homem ter ajuda
Somos pobres como Judas
Nascemos no Alentejo.
Margarida Correia

ALENTEJO

**ALENTEJO ÉS ESQUECIDO
POR QUEM TE DEVE ESTIMAR
NA PRIMAVERA, FLORIDO**

ÉS UMA TERRA DE ENCANTAR
O MEU ALENTEJO EXISTE
O MEU ALENTEJO É QUENTE
O MEU ALENTEJO É TRISTE
O MEU ALENTEJO É GENTE

I

Alentejo, és altaneiro
Alentejo, és ignorado
Alentejo, se houver reinados
O teu reino é dos primeiros
Alentejo, o teu cativo
É às vezes seres perseguido
Tu tantas vezes tens sido
Culpado e estás inocente
Mesmo até pela tua gente
ALENTEJO ÉS ESQUECIDO

II

Desde o Algarve às Beiras
Passando pela Estremadura
Tu és a Terra mais pura
E a de mais belas maneiras
Antigamente, nas eiras
As máquinas de debulhar
Até pareciam cantar
A mais bela canção do fado
Tu às vezes és odiado
POR QUEM TE DEVE ESTIMAR

III

Anda o pastor no montado
Por vezes cheio de tristeza
Ao sentir tanta avareza
E ser novamente explorado
E o patrão empanturrado
Esse que tinha fugido
Quer vingar-se o atrevido
De quem nunca lhe fez mal
Alentejo, és um roseiral
NA PRIMAVERA, FLORIDO

IV

Tens palácios, tens ruínas
Tens barragens e albufeiras
Tens rios e tens ribeiras
E tens montes e colinas
Tens pessoas das mais finas
Tens uma história de invejar
Tu tens quintas e pomares
E tens poetas que te amam
E é por isso que eles clamam
ÉS UMA TERRA DE ENCANTAR

O MEU ALENTEJO

I

O Alentejo são searas
De aveia, trigo e cevada
Imensas terras lavradas
Fazem as rugas na cara
O seu progresso não pára
Para que a luta conquiste
Porque a verdade insiste
Na pureza da realidade
Contra imensa maldade
O MEU ALENTEJO EXISTE

II

O meu Alentejo é puro
Como a farinha do trigo
O meu Alentejo é amigo
Quando algo está inseguro
É fácil ver o futuro
Porque o Alentejo o sente
Lança na terra a semente
E a seguir vem o pão
Mesmo no pino do Verão
O MEU ALENTEJO É QUENTE

III

O Alentejo dos ganadeiros
Com canções e com lamentos
Cabeças de gado aos centos
Pelas planícies e outeiros
Os pastores com os rafeiros
Essa tradição subsiste
Todo o passado persiste
No presente que é crucial
Porque é sentimental
O MEU ALENTEJO É TRISTE

IV

Meu Alentejo é a saudade
De milhares de emigrantes
Do Alentejo são amantes
E da sua simplicidade
O Alentejo tem possibilidades
De caminhar sempre em frente
O seu povo é consciente
Do verdadeiro valor
O meu Alentejo é amor
O MEU ALENTEJO É GENTE

Manuel Luis Caeiro (1988)

ANEXO II
Poemas recolhidos posteriormente a aguardar a análise de conteúdo

Oh! Minha torturada terra
Dourada e quente
Oh! Raivosa fome do teu arado e semente
Oh! Virgens madrugadas
Sonhando espadas de sol
Oh! Gritos de foice
Em espiga madura
Oh! Minha terra
Meu ventre de fogo e loucura
Minha doce planície
Como tu assim eu sou!

PEREIRA, Luísa Caeiro (2007), "Sem título", Diário do Sul, ano 38º, nº 10.393, 06/Agosto/2007 (Pias – Serpa)

ALENTEJO, DEBRUADO A ARRAIOLOS

Na dourada planície alentejana
Onde o sol penetra e em tudo teima
A falta de água mísera e insana
Quebra a vontade abate e queima

Nessa imensa e dourada pradaria
O vento de suão seca a cortiça
Leva consigo, numa lenta agonia,
O suor, a que chamam de preguiça.

Mas o Alentejo é belo e majestoso
Quem o ama chama-lhe de formoso
Quem parte volta, nunca diz adeus

Por isso há sempre vozes em coro
Canto alentejano em vez de choro
A alma alentejana tem força de Deus

Rogério Martins Simões

19-04-2005

<http://poemasdeamoredor.blogs.sapo.pt/11944.html>

TERRA

Parece que saíram de mim
Estas espigas
Tão quentes se me apresentam
Tão quentes se me oferecem
Estas papoilas
Do ventre desta terra
Quente e doce
Altivos sobreiros

Oliveiras prenhes de azeite
Que nos alimenta e alumia
Vida que a terra nos dá ...

CHÃO

O campo entra pela casa
Como se a casa
De chão de terra batida
Do campo fizesse parte
E faz
A casa é recorte
No campo
Só as paredes brancas
Separam um de outro chão

AVES DO SUL

Somos as aves do Sul
Procurando um novo rumo
Saindo da nossa terra
Indo embora daqui
Acabamos por voltar
Um dia mais tarde
Por vezes tarde demais
Gastamos lá longe a vida
E não há duas vidas iguais

Belmira Besuga in «Alentejo até aqui»

http://www.triplov.com/poesia/belmira_besuga/alentejo.htm

De Moura onde nasci,
A Beja, Santa Victória,
Onde nasceu o meu amor por ele!
Gosto do meu Alentejo – Tragédia!
Imenso, quente e nu!
Gosto da sua terra de barro
Da cor da carne viva!
Gosto de ouvir dizer
Chaparro, tarro, seara,
Almeara, restolho,
Palavras musicais
Fortes, gostosas,
Que o alentejano diz arrastando



Como se arrasta a saudade,
E a ansiedade da sua alma
De homem solitário,
Que tem pudor do riso

E orgulho no canto,
- Esse estranho pranto
Dos sonhos que tem sem se aperceber!...
Gosto do meu Alentejo
De Inverno frio, arrepiante,
Onde só um ventinho cante!
Gosto das suas tardes de Verão,
De calma sufocante,
Onde nem pássaros cantem
E só a cigarra cante!
Gosto da terra!
Da terra que se oferece
Ali, à luz do dia!
Dessa terra fecunda,
Como um ventre macio
Que por amor de Deus



Concebe o Pão – o nosso Pão,
Em toda a imensidão
Duma nudez sem pecado!
Gosto do meu Alentejo só,
Tragicamente mudo
Sob o olhar azul do céu!
Gosto de ver bailar
O silêncio mais a escuridão
Nas noites sem Luar!
E, de dia...
O que impõe o Alentejo,
O que nele me seduz,
É ver o silêncio
Mais a solidão,
A gerar o pão
Em bebedeiras de luz!...



Maria José Travelho Rijo
Primavera de 1955

<http://paula-travelho.blogs.sapo.pt/113338.html>

GOSTO DO ALENTEJO

Gosto menos dos campos felizes,
Exuberantes, sempre vestidos
De verdes macios...
Não recebo deles aquela inquietação
Que os campos mais tristes
Por vezes me dão!
Gosto mais do Alentejo,

<http://paula-travelho.blogs.sapo.pt/113338.html>